

## **SOCIEDADE DO ESPETÁCULO**

Rafael Francis

### **PERSONAGENS:**

Bartolomeu

Rubens

Paulo

Maria

Josefa

Carla

Saraiva

Silvia

Assistentes

Rei da Lua

**BARTOLOMEU** — “Embora os homens costumem ferir a minha reputação e eu saiba muito bem quanto o meu nome soa mal aos ouvidos dos mais tolos, orgulho-me de vos dizer que esta Loucura, sim, esta Loucura que estais vendo é a única capaz de alegrar os deuses e os mortais. A prova incontestável do que afirmo está em que não sei que súbita e desusada alegria brilhou no rosto de todos ao aparecer eu diante deste numerosíssimo auditório.”

(...)

“Bastou, pois, a minha simples presença para eu obter o que valentes oradores mal teriam podido conseguir com um longo e longamente meditado discurso: expulsar a tristeza de vossa alma.”

(...)

“Para dizer a verdade, não nutro nenhuma simpatia pelos sábios que consideram tolo e impudente o auto-elogio. Poderão julgar que seja isso uma insensatez, mas deverão concordar que uma coisa muito decorosa é zelar pelo próprio nome.”

-----

**RUBENS** — Estou dizendo, os números não mentem, olhe o que as estatísticas dizem, é uma maravilha!

**PAULO** — Cale a boca, olha bem pro que fala...são mediocridades, as coisas não são bem assim não, os números nos enganam, assim como estas estrelas sobre nossas cabeças.

**RUBENS** — Caro colega, você não sabe o que diz, é uma pena, deste jeito parece-se com um lunático. É com pesar...

**PAULO** — Eu falo que as estatísticas escondem a realidade nua e crua, nunca a miséria cresceu tanto em nosso planeta. Um quarto da população vive na faixa de pobreza, a mais absoluta e total.

**RUBENS** — Você não sabe o que diz realmente, olhe os gráficos do governo, olhe...

**PAULO** — Me recuso.

**RUBENS** — Por quê? Tem medo de encarar a realidade “nua e crua”? Olhe os números, olhe, veja se estou mentindo, não quer encarar a realidade? Pois então veja! Ou prefere olhar para as estrelas?

**PAULO** — Chega! Tire esses papéis da minha frente, onde pensas que vai me levar com isso? Estas linhas apontando para cima são mentirosas! Mentirosas! Entendeu! Realmente, prefiro olhar as estrelas!

-----

**MARIA** — Já não sei o que faço com aquele muleque, agora deu pra brincar de boneca com a irmã, fica fazendo comidinha, alimenta a boneca, fica criando conversas...eu não sei o que faço quando vejo os dois brincando. O que eu faço?

**JOSEFA** — Olha, nesses casos a melhor coisa a fazer é por ele logo de castigo e dizer que isso é errado. Você tem que mostrar o que é certo para um homem brincar. Dê carrinhos, armas, esses heróis fortes de filmes, quem sabe assim ele não aprende onde é o seu lugar.

**MARIA** — E você acha que eu já não tentei isso. Mas aí, olha o que aconteceu, quando é assim a irmã brinca com ele e os seus brinquedos, quando não é um é o outro. Que diacho! Acho que eles fazem de propósito. Estou perdida, não sei o que faço com eles...não sei o que eu faço mais...

**JOSEFA** — É amiga, eu acho que você está no mato sem cachorro!

**MARIA** — Cê tá vendo?! Eu não sei mesmo o que faço!

**CARLA** — Santa ignorância hein?! Há tempos que não ouvia tanta besteira de uma só vez e isso tudo vindo de vocês duas, será quem não dá pra ficarem quietas, assim eu me desconcentro com estas mediocridades...

**JOSEFA** — Medíocre o que? Que você ta resmungando aí? Ta xingando a gente! Se viu só Maria, ela ta falando desaforo na nossa cara.

**MARIA** — Ah é? Então diz pra essa aí falar as coisas na cara!

**CARLA** — Não precisa mandar recado não Dona Maria. O que eu tenho pra dizer serve para as duas. Qual o problema do menino brincar de boneca? Qual o problema da menina brincar de carrinhos? Ou vocês preferem que ele cresça como um homem igualzinho que vocês conhecem em casa? Grosso, estúpido, que só sabe mandar a mulher fazer as coisas por ele, que não sabe fritar um mísero ovo e fica lá sentando vendo futebol e bunda na TV.

**JOSEFA** — Olha o que você está dizendo sua desavergonhada!

**MARIA** — Xiiii, pior que o meu lá em casa é assim!

**CARLA** — E a menina?! Pelo que vejo vocês a desejam como um senhorita frágil e passiva, quase que uma cadelinha adestrada, fazendo suas tarefas domésticas e não tendo nada mais para almejar na vida. É isso o que vocês desejam?! Viver essa mentira que continuará até quando? Para o resto das vidas? É isso? Respondam!

**JOSEFA** — Vamo embora Maria, ela não sabe o que diz, não precisa chorar não, deixa essa lunática aí...

-----

**SARAIVA** — Você viu? Você viu? Ele disse que me dará a liberdade se eu me comportar direitinho daqui até o final do ano.

**BARTOLOMEU** — Não vai me dizer que você acreditou? (...) Hein, fala alguma coisa, me responda? (...) Então ta, pensa um pouquinho, enquanto isso eu vou continuar o meu desenho (...)

**SARAIVA** — O que você está desenhando?

**BARTOLOMEU** — Estrelas...

**SARAIVA** — Que bonitas? Dá onde elas são?

**BARTOLOMEU** — Do céu oras!

**SARAIVA** — Não, eu quero dizer, que parte do céu mais especificamente?

**BARTOLOMEU** — Sei lá, pode ser de uma destas constelações que estão sobre nós, depois eu penso melhor. Não vamos mudar de assunto não?

**SARAIVA** — Ih, lá vem você querendo me deixar louco!

**BARTOLOMEU** — Eu não quero te deixar louco, nós já somos loucos, por isso estamos aqui. As coisas continuam as mesmas, nenhum pontinho mudou de lugar. Ta vendo aquele grãozinho de areia ali, continua ali faz anos e olha que ele já ouviu muitas coisas, muitas promessas como as que fizeram pra você, mas pergunta pra ele se elas se cumpriram, vai, pode perguntar. Pergunta!

**SARAIVA** — Seu grãozinho de areia, oh seu grãozinho de areia!!! (...) Não adianta, ele não responde.

**BARTOLOMEU** — Ta vendo, ele ficou mudo diante dos fatos, garanto que ele queria transformar-se em vidro, mas de uma lente bem especial, que fizesse a gente enxergar Júpiter.

**SARAIVA** — O que?!

**BARTOLOMEU** — Nada não. Cegonha, coelhinho da Páscoa, liberdade. Desde pequeno me falaram destas coisas, alimentaram meu imaginário e olha onde eu vim parar com a minha imaginação, aqui pra dentro destes muros. Mentiras alimentaram a minha imaginação e olha onde eu me encontro!

**SARAIVA** — Não, não, eu quero acreditar nele, é a minha esperança, é o que me alimenta, é a única coisa que faz manter vivo, mesmo que seja uma mentira.

**BARTOLOMEU** — Então...

-----

**SARAIVA** — Bartolomeu, você viu os dois novatos?

**BARTOLOMEU** — Vi sim, vai lá, pergunta quem é.

**SARAIVA** — Oi, tudo bem?! Chegaram hoje?!(...) Prazer, meu nome é Saraiva, estou aqui já faz um tempo...

**CARLA** — Prazer, meu nome é Carla e este aqui é o Paulo, acabamos de nos conhecer, chegamos praticamente juntos.

**PAULO** — E aí, beleza?!

**SARAIVA** — Venham conhecer meu amigo, ele se chama Bartolomeu, mas podem chamá-lo de Bart, ele adora esse nome, igual o do menino daquele desenho sabe?! Bart, esses aqui são meus novos amigos, ele se chama Paulo e a moça...

**CARLA** — Carla. Prazer em conhecê-lo Bart. Então, por que vocês vieram parar aqui?

**SARAIVA** — Você não devia ter sido tão direta assim moça, ele, quando lembra disso sai para dar uma volta, sabe, é algo que dói muito ainda nele...

-----

**BART** — Vamos parar aqui para descansar. Mas vê se para com esse pranto, quer que venha o polícia?

**SILVIA** — Deixa eu chorar.

**BART** — Então vai.

**SILVIA** — Que lua é essa? É lua minguante?

**BART** — Acho que é crescente, tem o formato de um C. Vem, ali tem uma marquise minha querida.

**SILVIA** — Não me chame assim.

**BART** — Assim como?

**SILVIA** — Querida, não somos mais nada.

**BART** — Então ta, agora vem, vai começar a chover já, já...

**SILVIA** — Meu estômago ronca, você não tem uma grana?

**BART** — Não tenho nada, meus bolsos estão vazios, gastamos tudo naquele clube de ontem a noite.

**SILVIA** — Mas eu preciso comer, não entende? Faça alguma coisa! Se pelo menos você gostasse de mim, você faria alguma coisa.

**BART** — Mas eu te amo, eu só não sei o que fazer agora pra arranjar comida.

**SILVIA** — Se vire, roube, mate alguém, mas não me deixe assim...eu sabia...bem que me falaram que seria uma furada entrar nessa viagem com você.

**BART** — Porra, então porque veio, achou que seria uma lua-de-mel, eu apenas realizei o seu sonho de vir a Paris e agora me diz isso.

**SILVIA** — Mas era diferente, você era diferente, me tratava melhor. Eu bem que devia ter dado ouvidos. Você gostava de mim, me fazia carinhos...agora estamos aqui com você gritando esses desaforos pra mim.

**BART** — Desculpe...você mentiu pra mim!

**SILVIA** — Ah, e eu posso saber o que é?

**BART** — (...) Deixa pra lá. Amanhã iremos visitar o Louvre.

**SILVIA** — Eu não quero visitar o Louvre.

**BART** — Mas você disse que queria ir...

**SILVIA** — Eu odeio o Louvre! Olha pra mim, eu estou uma sujeira só, todas essas noites que dormimos nas ruas.

**BART** — Amanhã a gente dá um jeito nisso, vamos descansar...

**SILVIA** — Ouça, dá onde será que vem esta música?

**BART** — Parece que vem daquele teatro, vamos tentar ouvir...vamos lá perto...olha...ali dá pra enxergar lá dentro...você quer dançar?

**SILVIA** — Sim, mas amanhã é meu último dia com você...

-----

**BART** — Vamos Silvia, continue dançando para mim, continue, não pare, por favor...

**PAULO** — O que deu nele?

**SARAIVA** — É que às vezes ele lembra do último dia que ele se viu bem, depois da separação ele nunca mais foi o mesmo...

-----

**JOSEFA** — Ficou sabendo o que aconteceu com aquela desavergonhada?

**MARIA** — Não fiquei sabendo não, o que foi?

**JOSEFA** — Ih, aquela lá perdeu o juízo, naquele dia que nós brigamos com ela, ela teve uma conversa com o patrão, ou melhor, com o psicólogo da fábrica, porque ela deu uns gritos depois da nossa discussão e quebrou uma máquina...

**MARIA** — Ai meu Deus! E depois?

**JOSEFA** — Disseram que ela foi lá conversar, ele, parece, pelo que me contaram, descobriu que ela era meio biruta mesmo, porque ela xingou ele de uns nomes, você sabe que ela é boa pra falar umas palavras difíceis né?!

**MARIA** — É verdade, aquele dia ela falou uma que era como mesmo...mediocre o que mesmo?

**JOSEFA** — Ah, eu não lembro mais não, pois então, ela saiu dali e foi direto pro manicômio, teve de ser internada às pressas, diagnóstico: loucura!

**MARIA** — Oh, coitada!

**JOSEFA** — Coitada nada, teve o que merecia, ainda vieram me perguntar o que eu achava dela e eu falei umas verdades também, também, se acha que eu sou de levar desaforo pra casa, fui logo falando o que eu pensava. E os filhos, estão melhor?

**MARIA** — Tão nada, aqueles lá eu já entreguei na mão de Deus...Ele há de saber o que é melhor, o meu marido não me ajuda em nada, o jeito é eu ir na igreja e orar por eles. O pastor disse que eu tenho que ter fé que um dia a coisa vai melhorar.

**JOSEFA** — Oh, Maria, mas ele não pediu dinheiro não, né?!

**MARIA** — Pediu sim, falou que é pra eu já ter meu lugarzinho no céu. Porque ele disse que eu sou uma santa. Você bem que podia ir lá reservar o seu lugar!

**JOSEFA** — Mas é verdade mesmo?! Porque se for assim eu vou até parar de pagar as prestações daquele terreno de cemitério, porque daí eu já vou direto para o Céu mesmo.

**MARIA** — Vai lá boba, amiga, ele falou cada belesura sobre o Céu, disse que tem anjo pra tudo que é gosto, tem querubim, tem “pixaim” e tem um jardim muito bonito...

**JOSEFA** — E quando você vai voltar lá?

**MARIA** — Hoje mesmo, eu to indo todo dia!

**JOSEFA** — Então passa aqui em casa antes de ir, eu vou junto...

**MARIA** — Ta bom, às sete e meia eu dô um grito pela janela.

-----

**CARLA** — E você Paulo, porque veio parar aqui?

**PAULO** — Eu sou ator.

**CARLA** — Ta, mas e daí?

**PAULO** — Eu estava fazendo um novo projeto, estávamos na fase de produção do espetáculo, andei visitando alguns donos da grana, se sabe, os empresários para pedir patrocínio pra minha peça.

**SARAIVA** — E sobre o que era essa sua peça?

**PAULO** — Sobre o céu...

**BART** — Que massa!

**SARAIVA** — Não acredito, Paulo, você sabia que o Bart desenha? Ele estava desenhando umas estrelas esses dias atrás.

**BART** — Eram apenas desenhos...

**PAULO** — Eu posso vê-los? Pois tudo que fala sobre o céu me interessa. (...) Mas então! Eu estava fazendo esse trampo, lidando com um monte de gente mesquinha, tendo que enfrentar um monte de besteiras que falavam pra mim. Até que teve um dia que eu não agüentei, tive uma discussão com um pastor dono de uma empresa de seguros, sobre o governo, estatísticas, gráficos e como ele falou um monte de besteiras...

**CARLA** — Tipo o que?

**PAULO** — É melhor deixar pra lá. Eu sei que ele me chamou de lunático. Naquele dia eu fui embora, mas eu voltei depois, quebrei um monte de janelas, falei umas verdades sobre a igreja dele e sua empresa de seguros. Conclusão: estou eu aqui sem poder fazer teatro!

**BART** — Por que quer!

**TODOS** — Como assim?

**BART** — Vamos nós fazer essa peça aqui dentro?

**TODOS** — Cê ta doido?

**BART** — Sim, como sempre, eu sempre quis fazer uma peça onde meus desenhos iriam decorar o cenário da peça, acho que agora é a hora. O que me dizem?

**PAULO** — Eu topo.

**CARLA** — Eu nunca fiz teatro.

**PAULO** — Não tem problema, eu ajudo.

**CARLA** — Então eu vou.

**SARAIVA** — Medo...eu tenho medo...

**BART** — Pode parar Saraiva meu camarada, vamos, não custa nada, vamos, vai, qual o problema? Você quer ficar aqui dentro fazendo o que? Vamos, vai. Sai desse nhém-nhém e junte-se a nós...

**SARAIVA** — Para, para de falar. Se é para a felicidade geral, eu topo!

-----

**MARIA** — Josefa...Josefa...vamos logo minha filha...

**JOSEFA** — Já to indo, estou tirando os bobs. Pode ir descendo...

-----  
**BART** — Não direi mais nada para aqueles que me ouvem. Apenas escutam defendendo-se. Qualquer palavra pronunciada traz um carga preconceituosa nestes tais egos egoístas. Cada palavra tem peso de ouro em seus sons ecoando pelo mundo. Sendo acolhidas por uns eus que, certamente, não é o eu escrevendo estas esparsas linhas...

**PAULO** — Péra aí um pouquinho. Oh Bart, ta faltando emoção, precisa sentir as palavras. Olha essa frase aqui: “Cada palavra tem peso de ouro...” Ta me entendo? Carla, fica preparada que agora nós vamos tentar ir direto, sem interrupção. Tudo certo Saraiva?

**SARAIVA** — Pra que serve esse fio aqui?

**PAULO** — Pra pôr na tomada, se não o som não vai ligar, vamos aproveitar esse rádio que o diretor nos emprestou só por um tempo...

**BART** — A tomada é ali Saraiva.

**SARAIVA** — Obrigado.

**PAULO** — Então vai, concentra...3 e 4!

**BART** — Não direi mais nada para aqueles que me ouvem. Apenas escutam defendendo-se. Qualquer palavra pronunciada traz um carga preconceituosa nestes tais egos egoístas. Cada palavra tem peso de ouro em seus sons ecoando pelo mundo.

**PAULO** — Que barulho é esse?

**CARLA** — Foi o rádio.

**SARAIVA** — Desculpa gente, mas é que fazia tanto tempo que eu não ouvia rádio que eu resolvi ouvir umas notícias, eu me lembro que quando eu entrei aqui falavam pelo rádio sobre o homem na Lua.

**PAULO** — Homem na Lua...mas isso faz tempo, quem sabe a gente usa isso na peça...mas agora é horário de ensaio né Saraiva? Depois você escuta as notícias.

**SARAIVA** — Mas é verdade mesmo que o homem foi pra Lua?

-----  
**MARIA** — Ficou bonito seu cabelo assim.

**JOSEFA** — Brigada! Então, como é esse pastor, ele é bonitinho?

**MARIA** — Diz que ele tem uma empresa de seguro.

**JOSEFA** — Ah, então o homem é montado na grana. Esses dias o Gugu falou que empresa de seguro dá um dinheirão nos tempos de hoje. Eu até queria fazer um seguro de vida, mas como eu tô pagando prestação do terreno do cemitério não dá.

**MARIA** — Quem sabe você consegue de graça, o pastor é uma graça de pessoa. Ele é um pai!

**JOSEFA** — Maria, vê se me apresenta ele, mas não diga que eu faço bobs, eu tenho a maior vagonha.

**MARIA** — Pode deixar, nós vamos lá pra falar sobre o terreninho no céu e não sobre salão de beleza. Mas vê se toma tento, parece que ele já é arranjado com a moça que canta na igreja.

**JOSEFA** — Ah, melhor ainda, é dos casados que eu gosto mais.

**MARIA** — Você não tem jeito mesmo mulher!

**JOSEFA** — Ta bom, eu vou tentar me controlar. Qual é mesmo o nome dele?

**MARIA** — Rubens...

-----

**BART** — Sendo acolhidos por uns eus que certamente não é o eu escrevendo estas esparsas linhas, num dia de nevoeiro intenso. Enxergando nossos últimos meios para expressar as opiniões acerca disto que nos cerca. No último resquício daqui de dentro do nosso sempre inimigo. O próprio corpo que ainda resta para nos expressarmos. Pois o que nos sobra é esta liberdade implícita aqui. Entregando as palavras e o movimento à ação inseridas neste universo aqui dentro.

-----

**PAULO** — Para mim tornou-se indiferente...

**CARLA** — O que tornou-se indiferente?

**PAULO** — Não sei...as coisas...eles...as imagens transformaram-se do que era antes.

**SARAIVA** — Como era antes?!

**PAULO** — Não me lembro, mas a indiferença não era assim. Existia um propósito nas coisas, na vida. Mas...parece que não era assim, era diferente. Hoje ta indiferente.

**CARLA** — Fala um pouco mais...

**PAULO** — Eu ando observando mensagens, imagens, coisas, pessoas transitando indiferenciadamente. Nos canais da caixa preta de som e imagem circulam novidades indiferenciadas para um público indiferenciado...

**SARAIVA** — Você ta falando da TV, faz tempo que eu não assisto TV!

**PAULO** — Televisão, TV. Quem assiste TV ou a TV que te assiste?! Fico me fazendo estes questionamentos.

**CARLA** — Mas aonde quer chegar com isso?

**SARAIVA** — É, onde vamos com essa conversa difícil? Eu já não entendi essa sua pergunta. TV?! Televisão?! Assistir?! Eu queria tanto assistir um pouquinho. Da última vez eu fiquei sabendo que o Brasil tinha perdido a copa de 74!

**CARLA** — Então...

**PAULO** — Falar?! Nem mesmo sei se tenho algo a falar, me pergunto diariamente se adianta. Será?!

**CARLA** — Mas é claro que adianta falar, as palavras, nós as temos para serem ditas. Ouça músicas, converse, grite, sussurre, faça silêncios e você vai ver as palavras. Onde já se viu!

**PAULO** — É, neste teu dizer existe uns pontos de verdade. Mas é que um pouco do que estava dizendo em relação às palavras é que quando olho para o mundo vejo apenas palavras que não adiantarão...

**SARAIVA** — Hããã!!!

**PAULO** — Suas palavras são policiadas, seus pensamentos são detectáveis e o que dizer de suas ações...Me tortura ver a presença invisível da sociedade no cotidiano das pessoas, nas ordens burocráticas e nas normas institucionalizadas...



**SARAIVA** — Mas hoje o senhor anda filosófico! O que aconteceu?

**PAULO** — Vocês já ouviram falar de satélites que podem ver o que estamos lendo em nossos jornais, eles estão lá no céu em órbita!

**SARAIVA** — No céu?! Aonde?! Me mostra Paulo, eu queria tanto ver um! Como chama mesmo? “Sa...” o que?!

**CARLA** — São satélites, eles ficam dando voltas em torno da Terra monitorando os movimentos do espaço, de nosso planeta, da Lua.

**SARAIVA** — Então é verdade que o homem pisou na Lua?

**CARLA** — Sim, é verdade. Foi em 1969 com a chegada de dois norte-americanos lá. Muita gente até hoje não acredita nisso. Mas o Paulo, o que está acontecendo?

**PAULO** — Acontecer?! Acontecimentos dos mais variados acontecem a todo momento, a cada segundo vidas tomam novos rumos. Mas a mentira, o falso, o espetáculo reina nos acontecimentos de hoje como há muito não se via. Estamos na “Sociedade do Espetáculo”! Sejam bem vindos!!!

-----

**BART** — “Desde manhã muito cedo até tarde da noite, ficava sentado sozinho no teatro e, imaginando que assistia a uma magnífica representação, embora na realidade nada se representasse, ria, aplaudia e divertia-se à grande. Fora dessa loucura, ele era, em tudo o mais, uma ótima pessoa: complacente e fiel com os amigos; terno, cortês, condescendente

com a mulher; indulgente com os escravos, não se enfurecendo quando via quebrar-se uma

garrafa. Seus parentes deram-se ao incômodo de curá-lo com heléboro; mal, porém, ele voltou ao estado que imprópriamente se chama de bom senso, dirigiu-lhe esta bela e sensata

apóstrofe: “Meus caros amigos, que fizeram vocês? Pretendem ter-me curado e, no entanto,

mataram-me; para mim, acabaram-se os prazeres: vocês me tiraram uma ilusão que constituía toda a minha felicidade”

-----

**RUBENS** — Irmãos e irmãs, dando prosseguimento ao culto, estamos hoje reunidos na casa do senhor, para falarmos de um mal que assola as nossas vidas. A loucura! Quem não conhece alguém que tenha essa doença? Nos dias de hoje o álcool, a droga, o demônio esta em todas as partes atormentando nossos jovens. O que devemos fazer para acabar com isso? Eu tenho a solução! Agora mesmo milhares de pessoas estão trabalhando em nosso país para caçar o demônio que está querendo fazer mais uma vítima. Irmãos...mas para isso continuar acontecendo eu preciso da ajuda de vocês. Nossos assistentes estarão passando com a caixinha de combate à loucura, doe o quanto você pode. O céu agradecerá!

**ASSITENTES** — Olha a caixinha de combate à loucura, doe o quanto o pode, o céu agradece! Olha a caixinha!

**RUBENS** — E neste momento tive uma visão...um anjo...um querubim está a me falar...ele está falando que eu posso falar isso para vocês...irmãos e irmãs...é com grande prazer que eu digo agora a vocês que está diminuindo o número de loucos devido a nossa campanha. Isto é para comemorar irmãos! Um grande viva! Viva!!!  
Vão em paz para as suas moradas e lembrem-se, ele está retornando!!!

-----  
**MARIA** — Pastor! Oi, tudo bem? Muito bonito o discurso final. Essa aqui é a minha amiga, a Josefa, ela ta vindo aqui pela primeira vez.

**RUBENS** — E então Josefa, o que achou daqui?

**JOSEFA** — É bem bonito né? Pastor, a gente conhece uma mulher que ficou louca, era a Carla, ela era uma desavergonhada, falava cada coisa pra gente, ficava metendo o dedo nos assuntos de família nosso...

**MARIA** — Josefa! Nós não viemos falar sobre isso! Lembra?!

**RUBENS** — Irmã, deixe sua amiga desabafar, faz bem para a alma! E o que faz bem para a alma, faz bem pra nós! Mas então, o que as trouxe até aqui então?

**MARIA** — É sobre aquele assunto de terrenos no céu, a Josefa ficou interessada...

**RUBENS** — Tudo bem! Mas sobre isso a gente fala no meu escritório ta certo?! Não vamos misturar as coisas!

**JOSEFA** — Mas onde fica o escritório do senhor?!

**MARIA** — Pode deixar que eu sei...que horas podem ser?

**RUBENS** — Pode ser daqui uma meia hora, deixa eu só terminar minhas coisas aqui e eu já to indo pra lá. Tudo bem?!

-----  
Paulo e Carla estarão num elevador controlando como marionetes Saraiva e Bart.

-----  
**JOSEFA** — Você acha que ele gostou de mim?

**MARIA** — Eu até agora não sei porque você tinha de falar da Carla pra ele. Quer saber, ela falou coisas que a gente não queria escutar, ela tinha toda razão sobre o meu marido, ele é um bunda mole mesmo, não faz outra coisa senão me pedir favorzinhos e ficar assistindo jogo na TV.

**JOSEFA** — Não fala essas coisas não, cuidado que desse jeito você fica louca! Nós temos que servir nossos maridinhos, as coisas são assim! Que se pode fazer?! Temos que aceitar! Mas você acha que ele me achou uma pessoa bem apessoada?

**MARIA** — Você só se preocupa com isso?

**JOSEFA** — Não é, é que eu fiquei pensando...

**MARIA** — Pensando uma ova, você devia ocupar a sua cabeça com coisas mais úteis!

**JOSEFA** — Mais úteis como falar mal de meu marido como você?! É pra isso que serve a cabeça? Por isso é que eu não caso, eu já pego homem casado pra não ter esses problemas.

**MARIA** — Quer saber, é até bom que nós estamos indo lá falar com ele, eu não quero mais saber de terreninho no céu porcaria nenhuma, a Carla é que estava certa, eu vou é dar um fim nisso. Qualquer desses dias eu cometo uma loucura!

**JOSEFA** — Cuidado amiga com o que fala!

**MARIA** — Pronto, chegamos, é aqui, vamos entrar?

**JOSEFA** — Vai você na frente.

**MARIA** — Vê se não fala as suas besteiras!

**JOSEFA** — Nem você as suas! Vai, bate na porta!

**MARIA** — Pra quê? Tem campainha.

(...)

**JOSEFA** — Será que ele já chegou? Só falta o homem não ta mais aí, eu falei pra gente não parar e olhar aquela liquidação de calcinha, mas você bem que insistiu...

**RUBENS** — Boa tarde minhas senhoras, desculpe a demora! Esperaram muito?

**JOSEFA** — Não pastor, foi rapidinho, que escritório bonito!

**RUBENS** — Vamos entrar?! Não liguem pra bagunça, mas é que a faxineira só vem amanhã. Sentem-se, por favor! Então...

**MARIA** — Pastor, são duas coisas, a primeira é que minha a amiga ficou interessada naquela história de terreno no céu, sabe que ela paga prestação para comprar uma cova no Cemitério da Saudade, mas ela precisa ver se interessa mesmo.

**RUBENS** — Muito bem, o nome da senhora mesmo...

**JOSEFA** — Josefa Cunha da Silva!

**RUBENS** — Certo senhora Josefa Cunha da Silva, eu tenho essa empresa de seguros e nós estamos entrando num novo campo de negócios, é a venda de seguros imobiliários no Céu...

**JOSEFA** — Oh! Que belezura, é tudo o que eu quero, eu quero é ir logo pro céu pastor!

**RUBENS** — Muito bem, você veio ao lugar certo, mas como eu ia dizendo é um negócio novo, estamos começando a investir nisso, o dinheiro ainda não está circulando muito nessa área, por isso os terrenos que nós temos loteados são de ótima localização e estão com um preço elevado...

**JOSEFA** — Não tem problema, eu posso pagar parcelado!

**RUBENS** — Ah, então facilita. Nós temos esses planos aqui...

-----

**BART** — Pois o que nos sobra é esta liberdade implícita aqui. Entregando as palavras e o movimento à ação inseridas neste universo aqui dentro. Pra que usar estas eternas frases que nos impede de crescer e nos conhecer se assim limitarmos nosso eu infinito. Vivemos uma nova Idade Média! Fico me inquirindo como irei palavrear daqui para frente nestas simples linhas...

**PAULO** — Para um pouco! Bart, mais emoção, lembra da cena anterior dos marionetes, tem que continuar com a mesma intensidade. Eu sei que a linguagem é fragmentada, mas não podemos deixar a emoção fragmentar, ela tem que vir num crescente. OK?! Vai lá!

**BART** — Pois o que nos sobra é esta liberdade implícita aqui. Entregando as palavras e o movimento à ação inseridas neste universo aqui dentro. Pra que usar estas eternas frases que nos impede de crescer e nos conhecer se assim limitarmos nosso eu infinito. Vivemos uma nova Idade Média! Fico me inquirindo como irei palavrear daqui para frente nestas simples linhas...

-----

**RUBENS** — Então, o que acha?

**JOSEFA** — Eu vou ficar com esse plano de 48 meses, combina mais com o meu bolso, não sei se o pastor entende?

**RUBENS** — Entendo perfeitamente, mas a senhora não vai se arrepender e, por favor, não me chame de pastor aqui não, estamos numa empresa.

**JOSEFA** — Desculpe senhor empresário e o senhor não me chame de senhora, sou apenas uma senhorita!

**RUBENS** — Oh, desculpe! Mas D. Maria, a senhora disse que tinha outro assunto...

**MARIA** — Ah, deixa pra lá, eu nem lembro mais o que era mesmo. Pronto Josefa?! Podemos ir?! Eu esqueci de passar no bazar e no sacolão, vamos?

**JOSEFA** — Vamos.

**RUBENS** — Então muito obrigado pela visita e pela ajuda na caixinha, precisando é só orar que eu estarei lá. Tchau!

**JOSEFA** — Tchau pastor!

**MARIA** — Passar bem!

**JOSEFA** — Ué, deu branco, não ia dizer isso e aquilo pra ele, o que aconteceu? O gato comeu a língua? Ta calada por que?

**MARIA** — Não me enche, vamos indo se não a gente perde o ônibus!

-----

**REI DA LUA** — Sou o Rei da Lua e vou leva-lo comigo para lá.

**SARAIVA** — Como o senhor deseja vossa majestade!

**REI DA LUA** — Monte aqui, vamos agora!

(...)

**SARAIVA** — O que é isso?

**REI DA LUA** — Essas crianças engatinhando?! São os gulosinhos da Terra, condeno-os aqui a comer apenas grama.

**SARAIVA** — E aquelas mudinhas ali no canto?!

**REI DA LUA** — Estes são os mentirosos e os tagarelas. As línguas deles estão no meu bolso. Veja aqueles amarrados com um saco até o pescoço, são os brigões que batem nos

colegas ou torturam os bichos. Esse é o tu lugar! São os preguiçosos que fazem gazeta em vez de estudar.

(...)

**SARAIVA** — Ahhhhhhhhh!!!!!!! Calma, estou indo para a escola!

**CARLA** — Calma Saraiva, o que aconteceu?!

**SARAIVA** — Eu sonhei com o Rei da Lua, ele tinha me levado para lá.

**CARLA** — Então você também tem esse sonho?! Ele também aparece na minha imaginação, mas diz que o meu lugar é num hospital e que estou prestes a ter um filho dele.

**SARAIVA** — E aí?! De quem é essa criança?

**CARLA** — Eu acho que são gêmeos! Um é do Sol e outro é da Lua! Eles serão dois irmãos bonitinhos!

**PAULO** — Sabia que os esquimós acreditam que a Lua e o Sol são duas crianças de um vilarejo?! A menina que tem um irmão que enche o seu saco, sobe por uma escada comprida e passa a ser o Sol. O menino, sai às pressas atrás dela e esquece de pôr as roupas e se transforma na Lua que nunca consegue pegar o Sol.

**CARLA** — Então quer dizer que eu não sou uma lunática como dizem sobre a minha pessoa, eu sou uma solástica!

**SARAIVA** — Uhu!!! A Carla é uma solástica, a Carla é uma solástica!!! Ehhhhhh!!!

**PAULO** — Saraiva, por favor! E não é só isso, tem uma hora que o menino-lua fica cansado e desmaia, então vem a menina-sol, o alimenta e a perseguição continua...bonito jeito de contar sobre as fases da Lua!

**BART** — “Brilha, brilha, estrelinha! Brilha longe lá no Céu! Brilha, brilha, estrelinha! Brilha longe lá no Céu!” O que acham?! Paulo, será que essa música não pode entrar na peça, ela me faz lembrar a minha infância!

**PAULO** — Pode ser, mas isso só acontecerá mais tarde, porque eu tenho que falar sobre a peça com o diretor daqui, ele anda meio preocupado, parece que está achando o conteúdo da peça muito perigoso para vocês, diz que pode piorar o estado clínico de vocês. Eu se fosse vocês dava uma maneirada para não barrarem o nosso trabalho aqui dentro.

**CARLA** — Puxa, logo agora! Ta quase pronta a peça. Eu vou me comportar!

**BART** — Fingir é comigo mesmo...

**SARAIVA** — Eu, enquanto isso vou fingindo que sou normal para despistar o bacana!

**PAULO** — Deixa eu ir, esta na hora da entrevista!

-----

**VOZ DE RÁDIO** — E atenção, atenção, todos os carros! Viaturas próximas ao Jardim Saturno, muito cuidado. Foi vista nos últimos minutos uma senhora que responde pelo nome de Maria das Dores portando uma arma na mão metralhando portas de igrejas. Cuidado, indivíduo de alta periculosidade! Depoimentos alertam sobre o estado de loucura que a mesma se encontra, falando de terrenos no céu e dizendo ser uma mensageira lunática. Muito cuidado! Aqueles que a detiveram prossigam direto para o sanatório. Entendido?! Direto para o sanatório!

-----

**PAULO** — Podemos continuar, estamos liberado, vamos gente, tomem seus postos, agora vai até o final! Saraiva! Tudo pronto no som?! Carla, daquele jeito que a gente ensaiou! Vai Bart!

**BART** — Pois o que nos sobra é esta liberdade implícita aqui. Entregando as palavras e o movimento à ação inseridas neste universo aqui dentro. Pra que usar estas eternas frases que nos impede de crescer e nos conhecer se assim limitarmos nosso eu infinito. Vivemos uma nova Idade Média! Fico me inquirindo como irei palavrear daqui para frente nestas simples linhas que não servirão para serem lidas. Pois já vejo a interrogação nas faces. Poderão me perguntar porque escrevo e lhes direi que não passa de expressão, sem a preocupação de meros formalismos. Me entrego ao movimento dos fonemas como me abrindo ao mundo! E prometo a todos que resistirei enquanto me restar o último gole a ser dado no elixir da vida!

**CARLA** — Um brinde, um brinde à Vida!!! Uma noite, um velho viu um morto iluminado pelo luar. O velho reuniu uma quantidade de animais e lhes disse: “Qual de vocês quer atravessar o morto ou a lua para a outra margem do rio?” Duas tartarugas se apresentaram: a primeira, que tinha patas compridas, pegou a lua e chegou do outro lado do rio. A segunda que tinha patas curtas pegou o morto e se afogou. Desde esses tempos, é por isso que a lua morta volta sempre, enquanto que o homem morto não! Um brinde!!!

**MARIA** — “Mais branca que a neve e os cristais de sal, a flora da noite desabrocha e cresce ocupando os espaços do céu. Onde o cavalo azul relincha, escoiceia e desabala rumo a prados salpicados de estrelas recentes. Através de miríades de astros e reflexos dando tudo o que pode e enlameando as nuvens. Mergulha no mais fundo das trevas leitosas. Desenrolando a fita dos ciclos abolidos, os mais curtos curvando-se sob o peso dos crepúsculos. Por ter de muito perto sóis de brilhos pálidos se aproximando do rubor da Lira e de Hércules. Mas a Lua a essa hora vestida de noiva arrasta a seus brancos pés a nebulosa e branco qual amanhecer no mar petrificado o carneiro da aurora prepara o impulso. O cometa na fonte colocou faíscas. Bela negra ó Lua onde vais tão calmamente encontrar teu esposo de olhos amendoados cujo leite Vênus com seu corpo galante aqueceu? Champanhas correi nas constelações se os vinhos são qual estrelas líquidas, encontremos ó Borgonha em ti a criação dos monstros fabulosos do éter e do vazio. Faremos surgir amassando as uvas Mercúrio e Júpiter e o Câncer e a Ursa. Apesar dos faiscantes reflexos do vinho e do Sol banhado de frescor das fontes. Ó belo pós-meia-noite escoltado de lendas, arrasta mais um par de para as valsas do desejo a fim de que o lasso bebedor peça de novo que lhes enchas o copo com o sangue das lembranças.”

**FIM**